

PERCEPÇÕES DO TRABALHADOR SOBRE EMPREGO E TRABALHO COOPERATIVADO

Maria da Penha Costa VASCONCELLOS¹
Sergio Nagib SABBAG²

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa cujo universo é um grupo de trabalhadores de cooperativa de reciclagem do interior do Estado de São Paulo, Brasil. É um estudo que teve por objetivo mostrar como as alterações ocorridas no mercado de trabalho, a partir do início dos anos 1980, estimulam a organização dos trabalhadores em cooperativas de reciclagem (economia solidária) como alternativa ao desemprego. A pesquisa utilizou-se da história de vida como recurso metodológico. Através da análise dos depoimentos dos cooperados, foi possível perceber a necessidade de uma eficaz organização da cooperativa com adequada distribuição de poder, a diferença entre o trabalho cooperativado e o assalariado, o papel da família e da igreja enquanto apoiadores do envolvimento na cooperativa, a existência de novos padrões de comportamento a serem incorporados pelo trabalhador, família e comunidade, e o desejo de continuidade do projeto como alternativa ao trabalho assalariado formal e ao desemprego.

Palavras-chave: trabalho, cooperativismo, geração de renda, reciclagem, desemprego.

¹ Psicóloga e Professora Doutora da Faculdade de saúde Pública da Universidade de São Paulo.

² Psicólogo, Professor Doutor e Pesquisador.

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho e suas transformações nos últimos anos:

Nas duas últimas décadas ocorreram profundas alterações no mercado de trabalho, colocando para os pesquisadores o desafio de compreender as atuais relações do trabalho e propor alternativas para o desenvolvimento econômico e social e, conseqüentemente, de buscar melhoria da qualidade de vida do trabalhador.

De acordo com Antunes (1998), “a diminuição do número de empregos é atribuída tanto à crise econômica quanto à reorganização produtiva. A crise econômica gera o chamado desemprego conjuntural, enquanto a reorganização produtiva gera o desemprego estrutural. No caso do desemprego conjuntural, se houver recuperação da economia, o posto de trabalho é recuperado, porém, em se tratando de desemprego estrutural, os postos de trabalho tendem a desaparecer.”

Singer (1998), refere-se ao desemprego como o fato social do momento. “Para ele, o assalariamento é substituído pelo trabalho autônomo, com aumento das horas trabalhadas, pior remuneração e perda de direitos. Por outro lado, milhões de trabalhadores perderam suas qualificações à medida que máquinas e aparelhos permitem obter os resultados com menor custo.”

Nesse sentido, não se trata mais de apostar no desenvolvimento econômico como solução para o desemprego. Há estudos indicando que o desemprego é inerente ao crescimento econômico.

Assim, afirma Segnini (2000), “o avanço do capitalismo (no Brasil) é caracterizado por uma profunda heterogeneidade produtiva, com desigualdade nas relações de trabalho e renda.” Para essa autora, entre os anos 1950 e 1980, embora a economia brasileira continuasse marcada pela concentração de renda, pelo sub emprego, pelos baixos salários e rendimentos desiguais houve um intenso crescimento das relações formais de trabalho. A instabilidade econômica dos anos 1980 gerada pelo crescimento da dívida externa, pela estagnação e hiperinflação faz romper a frágil estruturação do mercado de trabalho trazendo como conseqüência o

desassalariamento de parte significativa da população trabalhadora, o crescimento do desemprego e do trabalho informal e a precarização das relações do trabalho.

É o tempo da globalização que, segundo Gil (1997), apresenta “sérias conseqüências para os países, pois ao mesmo tempo que traz facilidades para o cotidiano, desencadeia sérios problemas econômicos, políticos e sociais.” Na verdade, a incorporação de uma tecnologia avançada pela indústria, bem como a abertura do comércio pelas economias internacionais, ao invés de representar avanço para a classe trabalhadora, só tem feito aumentar o número de desempregados, fazendo do desemprego a grande questão social deste início de século.

Nesse sentido, as economias globalizadas e seus desdobramentos para a vida do homem têm provocado nos pesquisadores um desejo e uma necessidade de melhor compreender as tramas desse tempo com o objetivo de buscar alternativas que contemplem o trabalhador na sua condição humana integral.

É, pois, nesse contexto que se retoma a idéia das formas cooperativas de trabalho. Singer (2000), afirma que “a economia solidária começou a ressurgir no Brasil, de forma esparsa na década de 80 e tomou impulso crescente a partir da segunda metade dos anos 90 (como resultante) dos movimentos sociais que reagem à crise do desemprego em massa, que tem seu início em 1981 e se agrava com a abertura do mercado interno às importações a partir de 1990.” (...) Singer (2000), continua: “a idéia de se juntar e organizar uma atividade econômica coletiva, à base de participação igualitária nas decisões e no capital não era conhecida e usual à grande maioria dos sem trabalho. Uma das formas da economia solidária é o trabalho cooperativo, que tem sido utilizado sob diversos modos, incluindo aí, as cooperativas de trabalho. Esta forma de organização produtiva tem sido utilizada em esquemas de cogestão³ e autogestão em empresas produtivas, muitas vezes indústrias que passam por crises conjunturais⁴.”

³ Entende-se por cogestão, uma administração compartilhada entre o empresário ou o poder público e a cooperativa. Se a cooperativa assume a gestão do negócio, tem-se a autogestão. Os modelos de administração variam. Sobre este assunto, são referências os trabalhos da ANTEAG (Nakano, 2000) e do Ceadec (2001).

⁴ Estas crises conjunturais pelas quais passam estas indústrias vão desde a má gestão até a profunda alteração do mercado, como foi o caso recente da indústria têxtil, com alteração da tecnologia e redução de postos de trabalho.

Existem também as cooperativas produtivas desde o início assim estruturadas como é o caso das cooperativas de reciclagem que estão aumentando em todo o Brasil. Ocupando uma parte do processo produtivo atual, que necessita de matérias primas recicladas em abundância, estas cooperativas tem garantido o sustento de muitas famílias, quase sempre anteriormente em uma situação de instabilidade dentro do mercado de trabalho formal como é o caso de muitos metalúrgicos desempregados. São, portanto, uma alternativa de ocupação profissional e geração de renda.”

Dozzi (2003) afirma: “A cooperativa é um empreendimento coletivo que tem, também, fins econômicos. Porém, visa consegui-los não através da exploração da força de trabalho, da mais valia, mas, sim, através da inversão entre fins e meios do modo capitalista de produção, sem perder, no entanto, a eficácia capitalista na produção. Este propósito é a base das tensões, ambigüidades, riscos e oportunidades do cooperativismo.”

Gadotti (2002) citado por Klein (2004), referindo-se à educação participativa e à forma de gestão em economia solidária, afirma: “Autogestão não é participação, pois participar significa engajar-se numa atividade já existente com sua própria estrutura e finalidade. Autogestão visa à transformação e não à participação. Autogestão também não se confunde com cogestão, pois esta significa direção conjunta de uma empresa, mantendo-se a mesma estrutura hierárquica.”

A preservação do meio ambiente é outro aspecto presente no trabalho das cooperativas de reciclagem. Sobre isso Magera Conceição (2002) afirma: “Preservar o meio ambiente e adotar políticas de desenvolvimento sustentável deixaram de ser um modismo ecológico para ser uma necessidade universal de preservação da espécie humana na Terra. Seria difícil estudar lixo sem relacioná-lo com uma proposta de desenvolvimento sustentável, ganhos ambientais e econômicos com a reciclagem.”

O cooperativismo como alternativa de trabalho e geração de renda:

Com o objetivo de se contrapor às conseqüências do sistema de capital, os trabalhadores desenvolvem várias formas de

sobrevivência e de organização do trabalho, dentre estas as cooperativas criadas pelos próprios trabalhadores, que priorizam uma solidariedade mais genuína.

Singer (2000), define a economia solidária como “um modo de produção alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. (...) A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção.”

Quanto à história das cooperativas, pode-se dizer que “no início do século XIX surgiram várias delas na Inglaterra. De início reprimidas, acabaram sendo incorporadas à economia capitalista. Um dos exemplos, foi a cooperativa de Rochdale, hoje considerada a mãe das cooperativas.”(BONAMIGO,2000). No caso do Brasil, “as primeiras cooperativas de que se tem registro(...) surgiram no final do século XIX, mas o cooperativismo somente se consolidou com a vinda de imigrantes italianos, alemães e japoneses para todo o sul e sudeste(...)”.(SANTOS,1999)

Tedesco (2001) afirma que: “hoje, na economia solidária, na qual as genuínas cooperativas estão incluídas, há um grande grupo de organizações não governamentais e movimentos sociais de vários tipos: trabalhos voluntários, educação popular, assistência social, instituições ligadas a igrejas, sindicatos, em vários países a bancos, na busca de geração de renda, emprego e serviços comunitários. (...) O trabalho cooperativo necessita de uma grande alteração de posturas e comportamentos. O diálogo é a chave para que as experiências sejam bem sucedidas. (...) Os trabalhadores precisam vencer a mentalidade de submissão e subserviência. (...) É necessário superar o imediatismo e apreender a consciência do processo. (...) No campo gerencial, as dificuldades e problemas apresentam-se com veemência. Ligar realismo contextual com transparência decisória e administrativa não é nada fácil. (...) Um dos aspectos é o enfrentamento da participação democrática e sua eficiência em termos de agilização e de garantia da dinâmica de ação da cooperação.”

Klein (2004) afirma: “Devemos ressaltar aqui que a economia solidária é um projeto em construção. Ela não está pronta e não pretende ditar regras. São muitos os desdobramentos que dela podem surgir, e cabe a nós (re)criá-los a cada instante, propondo novas

formas de intervenção social, promovendo novos meios de relações e potencializando o que o ser humano tem de melhor: abertura para ser.”

Dozzi (2003) afirma: “Um dos perigos é adotar o raciocínio de causa e efeito, de maneira que basta ser cooperativa para promover a emancipação do trabalhador e engedrar relações solidárias.”

Estes desafios colocam-se para as cooperativas de reciclagem. Constituídas por pessoas originárias de vários contextos sociais e de escolaridade variada: trabalhadores oriundos da economia formal, como é o caso dos industriários desempregados, e de outros que vieram da economia informal, como os ambulantes e os trabalhadores temporários; constituídas ainda de pessoas isoladas ou famílias que trabalham de forma integrada, sua organização é um grande desafio. Uma das tendências é que seu gerenciamento venha a imitar o gerenciamento das empresas industriais. A participação nas decisões e o estímulo a processos democráticos internos, muitas vezes causam desconforto aos cooperados, habituados a outro conjunto de relações sociais.

Miura (2004) analisando a ocupação de catador e a atividade de catação, afirma: “Os catadores de materiais recicláveis vivem à margem dos direitos sociais, sofrem com as recorrentes medidas cotidianas de exclusão, que se dá nas relações interpessoais, nos contatos face a face, nos encontros casuais e anônimos. Excluídos do mercado de trabalho formal, buscam uma outra forma de trabalho na informalidade, assim acabam desenvolvendo sua atividade em condições precárias, sujeitando-se a novas formas de exclusão”. Prossegue: “A catação é uma atividade que pode possibilitar a construção de diversos vínculos sociais íntimos, e que proporciona tanto a sobrevivência física como a emocional. Para essas pessoas, catar material reciclável é sua opção de trabalho, e trabalho é o valor que dá dignidade ao homem, que define a identidade de cada um. Sem ele, o homem perde a legitimidade social e individual.”

Desenvolvimento:

O estudo realizado na cooperativa de reciclagem:

Este estudo (SABBAG, 2003) foi realizado em uma Cooperativa de Reciclagem do interior do Estado de São Paulo. Foi,

de início, uma experiência desenvolvida em uma área sob a responsabilidade da igreja católica local (paróquia), tendo como atividade a fabricação de doces, temperos e sabão. A seguir, transformou-se em cooperativa de reciclagem. Reúne trabalhadores originários do trabalho informal, como os vendedores ambulantes, e outros oriundos do mercado de trabalho formal, alguns da indústria metalúrgica, outros da têxtil. O número de cooperados varia, mas há um grupo relativamente fixo e outro grupo com vínculos mais flutuantes e mais breves.

Estes trabalhadores dividem-se, operacionalmente, em dois grupos: aqueles que fazem a coleta ou catação de rua e aqueles que trabalham no barracão.

Os primeiros percorrem ruas, contatando residências, comércio e pequenas indústrias, pedindo doações de materiais recicláveis: papel, papelão, plásticos, embalagens PET, embalagens de leite, alumínio e outros metais. Diariamente, realizam coleta e removem o lixo em busca destes materiais. É um trabalho bastante perigoso e com riscos à saúde. Locomovem-se a pé, puxando um carrinho que inicia a jornada de trabalho vazio e termina cheio. Além do desgaste, há risco de acidentes como os atropelamentos e de contágio ao manusear materiais sujos e contaminados. O desgaste energético também é grande e há grande exposição às variações climáticas: sol e chuva intercalam-se no cotidiano desses trabalhadores.

Os que trabalham no barracão dedicam-se à triagem e separação dos materiais. Têm a vantagem de trabalhar abrigados em um local fixo: o galpão. Este edifício é dotado de banheiro, cozinha e equipamentos de trabalho como as prensas. Estes postos de trabalho geralmente são reservados aos trabalhadores com mais idade e aos mais antigos de cooperativa.

O sistema de remuneração varia. Os catadores que atuam na rua recebem por peso e pelo tipo de material; os que trabalham no barracão, pelo valor das doações recebidas, geralmente de condomínios e grandes indústrias.

A distribuição por idade dá-se da seguinte maneira: concentram-se pessoas com mais idade (45 a 65 anos), nos trabalhos

do barracão, e os jovens (18 a 25 anos) com dificuldade de ingresso no mercado formal de trabalho, nos trabalhos de catação de rua. Não há uma frequência significativa de pessoas nas faixas intermediárias de idade entre os mais jovens os mais velhos.

Há conflitos entre os catadores de rua e os trabalhadores do barracão. Alguns dos que trabalham na rua queixam-se de imprecisão na pesagem dos materiais e consideram os trabalhadores do barracão privilegiados por serem remunerados através das doações. Os que trabalham na rua podem ganhar mais pela maior produtividade: quem catou mais, recebe mais.

Os catadores de rua cooperados trabalham concorrendo com outros catadores não cooperados. Contudo não houve relatos de conflitos entre as pessoas dos dois grupos, talvez porque haja abundância de materiais recicláveis ainda encontrados, dando oportunidade de trabalho aos dois grupos.

As entrevistas e comentários:

O estudo utilizou a metodologia de histórias de vida de Pereira de Queiroz (1987), que afirma: “Para a psicologia o indivíduo é o centro de interesse, mesmo considerando que o comportamento resulta da interação indivíduo grupo. Para a sociologia, o que interessa é o fato social, sendo que as histórias de vida e o depoimento pessoal só assumiram destaque quando reconheceu-se que valores e opiniões tinham base coletiva.”

Pereira de Queiroz (1987), refere-se à formulação prévia da questão e a escolha do informante ou “indivíduo representativo” como requisitos importantes na coleta de histórias de vida. Ressalta ainda a importância de se obter um material vivo objetivo, espontâneo, com o informante tendo liberdade no relato, sem a necessidade, por exemplo, de ordenação cronológica dos fatos.

Foram entrevistados dez cooperados entre os dezessete a vinte e dois⁵ que freqüentam a cooperativa. O que os entrevistados pensam a respeito do desemprego e da estruturação do trabalho

⁵ Número total de cooperados que oscilou entre estes extremos durante a pesquisa.

cooperativado é resultado de um trabalho de coleta sob a forma de entrevistas individuais, das quais ressaltamos os pontos comuns referentes ao que já indicamos acima, ou seja, o que coincidiu em suas falas sobre o mercado de trabalho e estruturação da cooperativa.

Alguns desses pontos são descritos a seguir:

A cooperativa é uma alternativa, entre outras, do setor informal e, algumas vezes, do setor formal da economia. É vista como uma alternativa ao desemprego, como um trabalho sofrido, mas que auxilia a sobrevivência. É também uma forma de enfrentar uma realidade de trabalho em que as vagas são cada vez mais limitadas e a concorrência é cada vez maior.

- A inserção na cooperativa ocorre com certa cautela, refletindo o quanto esta forma de organização do trabalho causa estranheza ao trabalhador, aos seus familiares e à comunidade. Na verdade, é muito mais fácil que os outros entendam o que é o trabalho, quando alguém diz que trabalha em uma indústria, do que quando se descreve o trabalho em uma cooperativa.

- A estruturação do trabalho cooperativado sofre muita influência do relacionamento entre os cooperados e é marcada pelos seguintes elementos: as lutas para a organização da cooperativa e obtenção de recursos, uma boa distribuição do poder interno, o combate à figura do atravessador que é visto como explorador, a necessidade de formação de volume para melhor preço, a necessidade de produtividade do catador e a perspectiva de crescimento da cooperativa. Outros aspectos são: as condições de trabalho, o sistema de remuneração, a economia interna da cooperativa, a forma de trabalho, o papel da cooperativa na formação da cidadania, a organização do trabalho individual, incluindo a entrada e saída da cooperativa e a quantidade de trabalho.

- O trabalhador cooperativado trabalha mais horas que um trabalhador assalariado. A cooperativa tem atrativos como: horário mais flexível e falta de pressão do chefe. É importante para o cooperado, ser “dono do negócio”, junto com outros cooperados, bem como valorizam também as relações de amizade e de colaboração.

- Há um desejo constante da parte dos cooperados de que a cooperativa tenha uma administração muito eficaz e que se utilize de medidas precisas de peso de material coletado.

- O trabalho da cooperativa é visto como alternativa ao trabalho assalariado, com a vantagem de não ter patrão e horário rígido, contudo a cooperativa tem de ser eficaz, dotar-se de grande grau de competência e de aprimoramento constante.

- Há a expectativa de que a cooperativa cresça e se concretize como alternativa de trabalho e opção ao desemprego. Esta expectativa está presente, inclusive no discurso daqueles que consideram a possibilidade de não continuar na cooperativa.

- Há um conflito implícito entre aqueles que trabalham no barracão, com maior conforto e remuneração por média de doações, e os que trabalham na coleta de rua, com menor conforto e remuneração por produtividade individual. Este é, na percepção dos cooperados, um ponto a ser resolvido no processo de aperfeiçoamento da cooperativa. Não é visto como conflito de interesses, mas sim como um ponto a ser aperfeiçoado tendo em vista um objetivo comum.

- O barracão tem vários significados: é uma central onde estão concentradas as informações e decisões, onde se recebem as visitas, onde chegam as doações e se realizam os contatos. É, também, o local onde o trabalho é desenvolvido com maior conforto e segurança. Enfim, é um ponto de referência para todos os cooperados que têm na figura do presidente da cooperativa, o elemento norteador dos trabalhos e da direção a ser tomada neste espaço.

- O trabalho na cooperativa representa para os cooperados uma alternativa concreta e simbólica à exclusão social. Concreta na medida em que ali se tem uma possibilidade de enfrentar a sobrevivência e, simbólica, porque mesmo que não se consiga trabalho, vincular-se à cooperativa representa aos olhos dos de fora, não estar desempregado.

- Os ex-cooperados representam para os cooperados um reforço as suas próprias inserções na cooperativa pois, já que os motivos dos desligamentos não são claros (foram em épocas anteriores), acabam representando uma afirmação do vínculo pela negação: se não estou fora como os outros, estou inserido.

- Alguns cooperados expressam um certo saudosismo em relação ao mercado formal de trabalho, especialmente no que se refere à estruturação do trabalho formal: garantia previdenciária, programas de segurança no trabalho com uso de E. P. I.s e remuneração regular. Apesar da cooperativa ser muito valorizada, o trabalho no mercado formal é visto como algo que, em havendo oportunidade, deva ser retomado.

- O vínculo com o trabalho na cooperativa é representado pelos cooperados como um vínculo forte. A saída do cooperado não é cogitada e, quando considerada, é associada à continuidade da cooperativa, independentemente da sua participação.

- Os cooperados com mais idade têm grande desejo de uma aposentadoria estruturada. Como muitos são oriundos do mercado informal, ou apresentam uma descontinuidade nos vínculos formais, geralmente não têm previdência social regularizada, sendo esta uma grande aspiração.

- A família funciona como fator de estabilização no trabalho. Comumente, a adesão à cooperativa dá-se porque o indivíduo mora perto dela. Ao invés da pessoa mudar de casa por causa do trabalho, neste caso o trabalho é obtido por estar morando perto.

- O uso de núcleos de depósito de materiais recicláveis, estágio intermediário entre a coleta e o armazenamento no barracão central, provoca reações de vizinhos que muitas vezes não gostam, apontando a cooperativa como um lugar sujo que traz roedores e insetos. Isso gera conflitos com a comunidade. Uma alternativa para esta questão, identificada pelos cooperados, é manter o local limpo e organizado.

- Estudar é sempre um desejo dos cooperados. A maior parte deles deixou o estudo por causa do trabalho, ou por questões familiares, como por exemplo, o fato de ter filhos. O desejo de retorno aos estudos é grande, mas não o fazem em decorrência do custo das escolas e da necessidade de tempo e transporte. Nesse sentido, a cooperativa é vista como potencial provedora destas oportunidades.

- Os serviços domésticos ocupam um lugar importante na representação que os cooperados fazem do lazer. Passeios, exceto ir ao bar ou ao campo de futebol, são referências do passado, como as

que são lembradas dos passeios ao zoológico ou à praia. A constante referência aos parentes ou a pessoas vindas do mesmo local de origem dos cooperados reflete a busca de raízes familiares e culturais.

- Para as mulheres, o papel materno e o trabalho doméstico ocupam quase todo o tempo de lazer, condicionando a ficar em casa.

- A adesão ao projeto da cooperativa é bastante forte, com uma grande expectativa de que dê certo, vendo-a como recurso de geração de renda e trabalho, na esperança de que a cooperativa possa oferecer mais segurança do que o trabalho individual no mercado informal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes alterações ocorridas no mercado de trabalho a partir do início da década de 1980, com o aumento do desemprego estrutural derivado da reorganização produtiva e do desemprego conjuntural derivado da crise econômica (Antunes, 1998) fizeram com que a classe trabalhadora buscasse outras alternativas de inserção no mercado de trabalho.

Uma dessas alternativas, inserida na economia solidária, é o cooperativismo (Singer, 2000). Este tipo de organização do trabalho pressupõe uma alteração de posturas por parte do trabalhador cooperativado, principalmente no que se refere ao modo de ver o trabalho e às suas formas de liderança (Bonamigo, 2002).

As cooperativas de reciclagem estão inseridas neste contexto. Com a participação de pessoas de várias origens, vindas do mercado formal e informal, com uma parcela significativa de ex industriários, constituem um amplo e rico universo a ser explorado pela pesquisa.

O estudo sobre a cooperativa de reciclagem do interior do Estado de São Paulo a partir da perspectiva metodológica de histórias de vida (Pereira de Queiroz, 1987) permite que se considere:

A cooperativa de reciclagem representa uma alternativa ao desemprego. Há uma consciência de que é necessária uma organização eficiente, com boa distribuição de poder. O trabalho em

cooperativa tem características próprias, formando sua própria identidade e diferenciando-se do trabalho assalariado formal. Um dos pontos fundamentais é o “ser dono do negócio”, juntamente com outros cooperados. Neste processo de construção social há relações importantes com a família. O tipo de moradia, a proximidade do trabalho e o apoio dos familiares à participação na cooperativa têm papel fundamental na adesão ao projeto. O apoio que a igreja e a comunidade dão ao cooperado, também são de grande importância. A igreja é vista como incentivadora do projeto e eventual apoiadora em caso de necessidade.

Há grande expectativa de que a cooperativa cresça, apesar dos conflitos que são vistos como parte do processo de evolução desta nova estrutura de trabalho, por exemplo, o que existe entre os catadores de rua e os do barracão. O mesmo se dá com os desejos e aspirações, como o de aposentadoria, o retorno aos estudos e eventuais conflitos com a comunidade, caso, por exemplo, do armazenamento de lixo rejeitado pela vizinhança.

O modo de vida é caracterizado pela proximidade trabalho, família e igreja. A busca do trabalho se dá como consequência da vida em família e o apoio da igreja.

O lazer forma um conjunto inserido nesta realidade, com aspirações e lembranças, mais imaginárias que concretas, e um cotidiano, pessoal e familiar, harmônico com o trabalho.

A inserção no trabalho cooperativado da reciclagem provoca novos padrões de conduta relacionados à aceitação deste tipo de trabalho pelo cooperado, pela família e pela comunidade. Parece que esta aceitação é gradual, de tal modo que cada nova etapa de vida cooperativada questiona e complementa a anterior.

Essa dinâmica faz do envolvimento com o projeto um aliado do desejo de continuidade do trabalho cooperativo, representando uma alternativa concreta ao trabalho formal e ao desemprego.

O trabalho cooperativado parece representar uma opção à exclusão social, embora haja grande saudosismo e expectativa de recuperação do trabalho no mercado formal. Esta aparente contradição aparece na representação dos trabalhadores que participaram da cooperativa por um tempo, e depois saíram, constituindo-se como um referencial para os que ficaram.

Os estudos sobre as representações dos trabalhadores sobre o trabalho cooperativado podem se constituir em uma das maneiras de melhor compreender e propor soluções para uma estruturação mais adequada deste modelo de geração de renda e de trabalho, no sentido de colaborar com a consciência do papel social destas cooperativas como complemento da cadeia produtiva, sempre em busca de sua própria sobrevivência, de padrões de organização, segurança e eficácia, que representem um padrão mínimo para a inserção satisfatória do trabalhador.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

BONAMIGO, C.A. **Para mim foi uma escola: o princípio educativo do trabalho cooperativo**. Passo Fundo: UPF, 2002.

CEADEC. **Ceadec: folheto de divulgação institucional**. Sorocaba: 2001.

DOZZI, C.C. **Paradoxo e ambigüidades de uma cooperativa popular de produção: uma análise psicossocial**. [Dissertação de mestrado em Psicologia Social – PUC-SP]. São Paulo: 2003.

GADOTTI, M. Escola cidadã. São Paulo: Cortez, 2002. In: KLEIN, A. P. **Cooperativa popular solidária: potência para transformação?** [Trabalho de conclusão de curso de Psicologia – PUC-SP]. São Paulo: 2004.

GIL, L.A.B. **Exclusão do mercado de trabalho e a busca de alternativas: um estudo da cidade de Sorocaba**. [Dissertação de mestrado em Serviço Social – PUC-SP]. São Paulo: 1977.

KLEIN, A.P. **Cooperativa popular solidária: potência para transformação?** [Trabalho de conclusão de curso de Psicologia – PUC-SP]. São Paulo: 2004.

MAGERA CONCEIÇÃO, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade – análise do sistema de cooperativas de trabalhadores do setor de reciclagem do lixo da região de Sorocaba-SP**. [Tese de doutorado em Ciências Sociais – PUC-SP]. São Paulo: 2002.

MIURA, P.O.C. **Tornar-se catador: uma análise psicosocial.** [Dissertação de mestrado em Psicologia Social – PUC-SP]. São Paulo: 2004.

NAKANO, M. Antegag: a auto gestão como marca. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. **A economia solidária no Brasil: a auto gestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 272-86, 1987.

SANTOS, N.J. **As cooperativas de trabalho na flexibilização das relações de trabalho.** [Dissertação de mestrado em Administração – PUC-SP]. São Paulo: 1999.

SABBAG, S.N. **A percepção do trabalhador sobre o desemprego e a estruturação do trabalho cooperativado.** [Tese de doutorado apresentada no Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo]. São Paulo: 2003.

SEGNINI, L.R.P. **Constantes recomeços: homens e mulheres em situação de desemprego.** Campinas; Fapesp-Unicamp, 2000. Texto inédito.

SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas.** São Paulo: Contexto, 1998.

SINGER, P.; SOUZA, A.R. **A economia solidária no Brasil: a auto gestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000.

TEDESCO, J.C.; CAMPOS, G.L.R. (Orgs.). **Economia solidária e reestruturação produtiva: (sobre) vivências no mundo do trabalho atual.** Passo Fundo: UPF, 2001.

